



“Espiritismo e personalismo são
dois polos que não se tocam.”
Célia Xavier

“Que fazeis de especial?”

Jesus (Mateus 5:47)

Conheça Aqui!

A MENSAGEM DO NATAL

O Natal é uma celebração cujo fundamento é o nascimento de Jesus e a lembrança de sua mensagem. Contudo, ao longo do tempo, uma vasta quantidade de símbolos foi se agregando a essa mensagem, fazendo com que o seu sentido original fosse se perdendo aos poucos. Um dos papéis da Doutrina dos Espíritos, como explicado no prefácio de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, é justamente ajudar a reestabelecer o verdadeiro sentido das coisas, em particular o da mensagem de Jesus — não para reivindicá-lo como posse exclusiva, mas para deixar que o pensamento do autor, inevitavelmente desapropriado quando transposto para a fixidez da escrita, possa se materializar novamente na cultura humana, porém de forma mais clara através das vozes dos Espíritos. De que maneira, então, a Doutrina dos Espíritos reaviva a mensagem de Jesus no contexto do Natal?

As obras básicas de Allan Kardec, que constituem o alicerce da Doutrina dos Espíritos, não fazem qualquer referência direta ao conceito de Natal. Na Revista Espírita da época de Kardec, há apenas uma menção à data, em uma mensagem do Espírito São Luís intitulada *Festa de Natal*. Nela, a celebração natalina aparece somente na frase inicial, sendo imediatamente seguida por uma exortação para que se comemore, sobretudo, o nascimento da própria doutrina espírita.

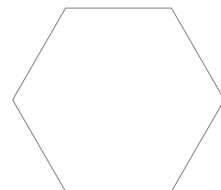
Podemos, então, perguntar onde se encontra a mensagem de Natal na literatura espírita. É sobretudo nas obras mediúnicas posteriores à codificação — em especial na produção psicográfica de Francisco Cândido Xavier — que surgem inúmeras reflexões natalinas. O livro *Antologia Mediúnica do Natal* é um exemplo expressivo: uma rica coletânea de mensagens sobre o tema, de diversos autores espirituais. Não surpreende que seja apenas nessa fase posterior que tais mensagens apareçam em abundância. As celebrações natalinas pertencem ao tecido vivo da cultura humana e, diferentemente dos Espíritos que colaboraram diretamente na codificação — especialmente o Espírito de Verdade — muitos dos

que se comunicaram nas fases posteriores da doutrina são Espíritos ainda profundamente ligados às experiências, símbolos e afetos característicos da vida humana.

É dessa maneira que nos chegam as vozes de muitos amigos espirituais — permeadas pelos signos da experiência humana, mas já parcialmente iluminadas pela realidade da vida espiritual — ajudando-nos a reencontrar o sentido mais profundo e fundamental do Natal. Um exemplo particularmente belo dessa recuperação de sentido encontra-se no texto de Humberto de Campos intitulado *O Natal Simbólico*, presente na obra *Antologia Mediúnica do Natal*. Nele, Humberto empresta a voz a um mensageiro elevado para reinterpretar episódios narrados nos Evangelhos de Mateus e Lucas acerca do nascimento de Jesus, convertendo-os em convites à nossa própria elevação espiritual — que constitui, afinal, um dos núcleos da mensagem do Cristo. Ao recordar, por exemplo, que “não havia lugar para o Senhor”, convida-nos a refletir que “nunca possuímos espaço mental para a inspiração divina, absorvidos de ansiedades do coração ou limitados pela ignorância”. E ao afirmar que “surge o Infante Celestial dentro da noite”, leva-nos a pensar em quantas vezes buscamos Jesus apenas “no ápice das sombras de nossas inquietações e falências”. E não é precisamente esse nascimento — o florescimento íntimo da mensagem cristã em nossa própria vida — o verdadeiro foco espiritual do Natal?

De forma semelhante, o Espírito Emmanuel, no texto *O Natal do Cristo* — no livro *Fonte de Paz*, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier — extrai a essência cristã dos símbolos natalinos, afirmando, por exemplo, que o Natal precede o Ano Novo para que o ciclo que se inicia possa ser edificado sobre bases renovadas, mais fraternas e mais cristãs. Mesmo que, ao longo do ano, tenhamos permanecido em relativa inércia espiritual, Emmanuel nos convida para que “começemos oferecendo a Ele cinco minutos de pensamento e

Lucas Wardil



continuação da página anterior



atividade”, justamente neste período em que “a recordação do Mestre desperta novas vibrações no sentimento da Cristandade”. Começar no Natal não é hipocrisia; hipocrisia é limitar-se a cinco minutos de fraternidade e supor já se ter adquirido virtudes sólidas. A natalidade com o Cristo é a abertura de um novo começo — e nenhum começo sob a luz de Evangelho é pequeno demais para inaugurar um novo modo de ser no mundo.

Que possamos, portanto, celebrar a chegada da mensagem do Cristo à Terra e construir, em nós mesmos, as vibrações de amor que o seu Evangelho encerra, extraindo de cada símbolo natalino a sua luz cristã. •



REFORME-SE OU SEJA UM INFELIZ NO ALÉM

Aprendendo com André Luiz

O relógio apontava pouco mais de dezoito horas quando os espíritos infelizes que participariam da reunião começaram a chegar à residência de dona Isabel. Eram irmãos em situação de grande perturbação e sofrimento que, se pudessem ser observados pelos encarnados, seriam vistos como a personificação da necessidade de mudarmos urgentemente nossas atitudes perante a vida. Ocorre que muitos confrades frequentam reuniões e realizam tarefas diversas, porém permanecem enraizados no egoísmo, sem atender aos imperativos de evolução. Renunciam ao esforço de se educarem com base no Evangelho e alimentam apenas vagas noções de espiritualidade. Passarão a encarnação inteira dentro de uma instituição espiritista, desencarnarão e chegarão ao plano extrafísico sem serem, de fato, espíritas. Quem não busca, com sinceridade, se reformar intimamente à luz da Boa Nova do Cristo, corre o risco de chegar do outro lado da vida como esses irmãos: assemelhando-se a cadáveres, com rostos esqueléticos e movimentando-se com extrema dificuldade em verdadeiras cenas de horror.

Com sua costumeira gentileza, Aniceto esclareceu que o lar de Isabel e Isidoro não estava preparado para receber entidades perversas. Não obstante, se encontrava apto a auxiliar os sofrendores desencarnados, amargurados e abatidos, que desejassem realmente a renovação, porém que não sabiam até aquele momento por onde iniciar. André Luiz percebeu, consternado, que havia alguns que chegavam com ataduras e faixas, enquanto outros mantinham as mãos no ventre pressionando feridas.

Ao verificar o assombro de seus discípulos, o estimado mentor explicou a André e Vicente as causas de um cenário tão terrível: *“Muitos não concordam ainda com as realidades da morte corporal. E toda essa gente, de modo geral, está prisioneira da ideia de enfermidade. Existem pessoas, e vocês, como médicos, as terão conhecido largamente, que cultivam as moléstias com verdadeira volúpia. Apaixonam-se pelos diagnósticos exatos, acompanham no corpo, com indefinível ardor, a manifestação dos indícios mórbidos, estudam a teoria da doença de que são portadoras, como jamais analisam um dever justo no quadro das obrigações diárias, e quando não dispõem das informações nos livros, estimam a longa atenção dos médicos, os minuciosos cuidados da enfermagem e as compridas dissertações sobre a enfermidade de que se constituem voluntárias prisioneiras. Sobrevindo a desencarnação, é muito difícil o acordo entre elas e a verdade, porquanto prosseguem mantendo a ideia dominante. Às vezes, no fundo, são boas almas, dedicadas aos parentes do sangue e aproveitáveis na esfera restrita de entendimento a que se recolhem, mas, no entanto, carregadas de viciação*

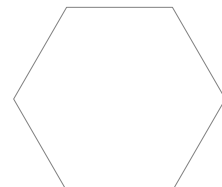
mental por muitos séculos consecutivos. (...) Demoramo-nos todos a escapar da velha concha do individualismo. A visão da universalidade custa preço alto e nem sempre estamos dispostos a pagá-lo. Não queremos renunciar ao gosto antigo, fugimos aos sacrifícios louváveis. Nessas circunstâncias, o mundo que prevalece para a alma desencarnada, por longo tempo, é o reino pessoal de nossas criações inferiores. Ora, desse modo, quem cultivou a enfermidade com adoração, submeteu-se-lhe ao império. É lógico que devemos, quando encarnados, prestar toda a assistência ao corpo físico, que funciona, para nós, como vaso sagrado, mas remediar a saúde e viciar a mente são duas atitudes essencialmente antagônicas entre si.”
[1]

Em outras palavras: cultuamos as enfermidades e menosprezamos a saúde, tanto a física quanto a mental. Se nos esforçamos tanto para entender as doenças, por que não nos empenhamos também em nos reformarmos intimamente? Do mesmo modo que se matricula em uma academia para cuidar do corpo físico, é imprescindível se inscrever na escola do Evangelho. Inúmeros são os indivíduos que simplesmente passam pela Terra. Passam por passar. Não deixam nenhum legado de fundo moral. Não se interessam pelo estudo das leis da vida. Para elas, Jesus não passa de um artigo religioso e seus ensinamentos contém tão somente um código de conduta a ser seguido por seus adeptos mais sinceros e fiéis. Lamentavelmente, há um contingente bastante considerável de pessoas nestas condições.

Contudo, como todas as nossas decisões geram consequências, de acordo com a lei de causa e efeito, são esses irmãos que, após desencarnarem e muito padecerem no plano espiritual, aportam nas reuniões mediúnicas, infelizes, perturbados e desorientados, em busca da luz do conhecimento, do consolo e do esclarecimento que tanto desprezaram enquanto estavam encarnados.

O aviso de Aniceto foi dado... Quem tem ouvidos de ouvir, ouça!

Valdir Pedrosa



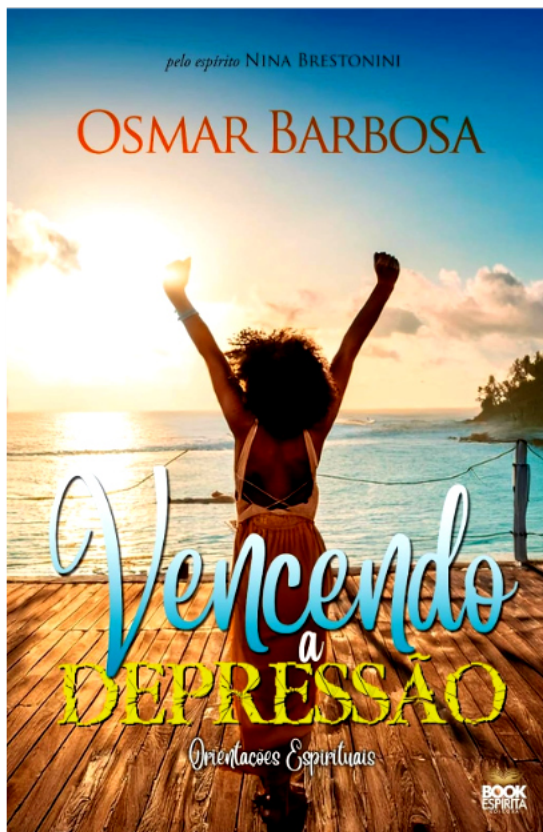
REFERÊNCIA:

[1] Os Mensageiros – Pelo Espírito André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier – capítulo 43 (Antes da reunião).

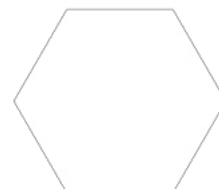
DLBV INDICA

Departamento de Livraria, Biblioteca e Videoteca

Sei que o que está vivendo neste momento é algo que você, mais do que ninguém, não está nem um pouco feliz por estar enfrentando todos os dias. Tenho certeza de que você quer se livrar de tudo isso o mais rápido possível, e o primeiro passo em direção à cura é entender que você terá que se esforçar um pouco mais para extirpar definitivamente essa dor que o dilacera diariamente. Deus, quando nos criou, cuidou de nossa vida atual e de todas as outras oportunidades evolutivas que possamos ter. Por esse motivo, há, sem sombra de dúvidas, a continuidade da vida. Eu mesmo sou prova viva disso, pois, aos 25 anos, sofri um acidente e me vi fora do meu corpo, em um lugar muito bonito, onde me encontrei com minha querida mãezinha, que havia falecido em um acidente de carro quando eu tinha apenas 14 anos. Esse acontecimento mudou totalmente minha forma de ver e viver a vida, pois lhe asseguro com toda a minha honestidade e fé: você não vai morrer... Nenhum de nós perece, e buscar morrer não é nem nunca foi a solução dos nossos problemas, pois, como a morte não existe, a dor não se finda com o evento da morte biológica. Quem morre é seu corpo, e os problemas tendem a piorar quando nos vemos em vida continuada em outra dimensão, fora do nosso corpo físico. Sendo assim, o primeiro passo para você começar a vencer a depressão é crer que há algo maior, o que espero poder ajudá-lo a conhecer no livro: *Vencendo a Depressão - Orientações Espirituais*.



Márcio Xavier



Márcio Xavier é Coordenador do
Departamento de Livraria,
Biblioteca e Videoteca - DLBV



TÍTULO: VENCENDO A DEPRESSÃO

AUTORA: NINA BRESTONINI

MÉDIUM: OSMAR BARBOSA

EDITORA: BOOK ESPÍRITA

PRIMEIRA EDIÇÃO: 2024

PÁGINAS: 224

FILOSOFANDO sobre o hábito



O hábito é uma esteira de reflexos mentais acumulados, operando constante indução à rotina.

Herdeiros de milênios, gastos na recapitulação de muitas experiências análogas entre si, vivemos, até agora, quase que à maneira de embarcações ao gosto da correnteza, no rio de hábitos aos quais nos ajustamos sem resistência.

Com naturais exceções, todos adquirimos o costume de consumir os pensamentos alheios pela reflexão automática e, em razão disto, exageramos as nossas necessidades, apartando-nos da simplicidade com que nos seria fácil erguer uma vida melhor, e formamos em torno delas todo um sistema defensivo à base de crueldade, com o qual ferimos o próximo, dilacerando consequentemente a nós mesmos.

Estruturamos, assim, complicado mecanismo de cautela e desconfiança, para além da justa preservação, retraindo, apaixonadamente, o instinto da posse e, com o instinto da posse, criamos os reflexos do egoísmo e do orgulho, da vaidade e do medo, com que tentamos inutilmente fugir às Leis Divinas, caminhando, na maioria das circunstâncias, como operários distraídos e infiéis que desertassem da máquina preciosa em que devem servir gloriosamente, para cair, sufocados ou inquietos, nas engrenagens que lhes são próprias.

Nesse círculo vicioso, vive a criatura humana, de modo geral, sob o domínio da ignorância acalentada, procurando enganar-se depois do berço, para desenganar-se depois do túmulo, aprisionada no binômio ilusão-desilusão, com que despende longos séculos, começando e recomeçando a senda em que lhe cabe avançar.

Não será lícito, porém, de modo algum, desprezar a rotina construtiva. É por ela que o ser se levanta no seio do espaço e do tempo, conquistando os recursos que lhe enobrecem a vida.

A evolução, contudo, impõe a instituição de novos costumes, a fim de que nos desvencilhemos

das fórmulas inferiores, em marcha para ciclos mais altos de existência.

É por esse motivo que vemos no Cristo – divino marco da renovação humana – todo um programa de transformações viscerais do espírito. Sem violência de qualquer natureza, altera os padrões da moda moral em que a Terra vivia há numerosos milênios. Contra o uso da condenação metódica, oferece a prática do perdão. A tradição de raça opõe o fundamento da fraternidade legítima.

No abandono à tristeza e ao desânimo, nas horas difíceis, traz a noção das bem-aventuranças eternas para os aflitos que sabem esperar e para os justos que sabem sofrer.

Toda a passagem do Senhor, entre os homens, desde a Manjedoura, que estabelece o hábito da simplicidade, até a Cruz afrontosa que cria o hábito da serenidade e da paciência, com a certeza da ressurreição para a vida eterna, o apostolado de Jesus é resplendente conjunto de reflexos do caminho celestial para a redenção do caminho humano.

Até agora, no mundo, a nossa justiça cheira a vingança e o nosso amor sabe a egoísmo, pelo reflexo condicionado de nossas atitudes irrefletidas nos milênios que nos precedem o “hoje”. Não podemos desconhecer, todavia, que somente adotando a bondade e o entendimento, com a obrigação de educar-nos e com o dever de servir, como hábitos automáticos nos alicerces de cada dia, colaborando para a segurança e felicidade de todos, ainda mesmo à custa de nosso sacrifício, é que refletiremos em nós a verdadeira felicidade, por estarmos nutrindo o verdadeiro bem.

PENSAMENTO E VIDA

Emmanuel (Espírito)

Francisco C. Xavier

Cap. 20 - Hábito

Expediente

Informativo semanal da

AECX - Associação Espírita Célia Xavier

CNPJ: 17.511.502/0001-80

Fundação: 27.12.1945

Registro: Cartório do Registro Civil das Pessoas

Jurídicas da Comarca de Belo Horizonte – MG, sob o

número 28.464, no livro A-24 fls. 113 em 19.11.1974

Utilidade Pública Federal: Decreto publicado no DOU de 05.07.1991

Utilidade Pública Municipal: Lei 2788 de 16.09.1977

- Belo Horizonte, Decreto 2.298 de 17.05.1982 -

Betim e Lei 2.473 de 06.11.2001 - Ribeirão das Neves

Certificado de Regularidade de Entidade de

Assistência Social: SEDESE - inscrita sob nº 772/SIRES

constituída conforme artigos 53 a 61 do Código Civil

Brasileiro, Lei 10.406 de 10.01.2002.

Presidente:

Cândido André Rodrigues

Assessoria de Comunicação:

João Parreira Lima

Diretoria Doutrinária:

Najla Loureiro Aguiar Marinho

Divulgação:

Equipe da Assessoria de Comunicação; website

Editor Responsável:

João Parreira Lima

Redação Geral:

André Luiz F. Brasil

Projeto Gráfico / Diagramação:

Deyler Santos Paiva

Revisão:

Equipe do Conheça Aqui

Imagens (fotos, ilustrações, vetores):

Próprias e obtidas em bancos de imagens gratuitas (Pexels, Pixabay, Unsplash, etc.)

Expedição:

Disponibilizado somente em formato digital via e-mail de inscrição pelo site da AECX

Serviços de e-mail:

Mailchimp

Website / E-mail:

www.aecx.org.br / faleconosco@aecx.org.br

Endereço para correspondência:

AECX - Assessoria de Comunicação

Rua Cel. Pedro Jorge, 314 - Prado

Cep: 30411-105 - Belo Horizonte / MG

Contato Secretaria:

(31) 3334-5787